

**A NOÇÃO DE REGIÃO NA OBRA DE MILTON SANTOS:
DO ESPAÇO ABSOLUTO AO ESPAÇO RELACIONAL¹**

**THE NOTION OF REGION IN THE WORK OF MILTON SANTOS:
FROM THE ABSOLUTE SPACE TO THE RELATIONAL SPACE**

**LA NOCIÓN DE REGIÓN EN LA OBRA DE MILTON SANTOS:
DEL ESPACIO ABSOLUTO AL ESPACIO RELACIONAL**

Helbert Michel Pampolha de Oliveira²

3

Resumo

Considerando a importância da obra de Milton Santos (1926-2001) e as notáveis contribuições teórico-conceituais e metodológicas desse autor às ciências humanas, objetiva-se analisar a noção de região em seu pensamento à luz das visões de espaço absoluto, relativo e relacional, propostas pelo geógrafo David Harvey. Para tanto, o artigo conta com levantamento e revisão bibliográficos da obra miltoniana, bem como com análise de conteúdo dos principais artigos, capítulos de livros e livros nos quais Milton Santos traz um debate sobre a ideia de região, o que nos permite observar certa constituição dessa noção no pensamento do autor e concluir que embora a região não apresente uma centralidade no âmbito de suas elaborações teóricas, ainda assim, sua discussão goza de relativa riqueza no contexto de suas principais contribuições intelectuais.

Palavras-chave: Região. Espaço. Milton Santos. David Harvey.

Abstract

Considering the importance of Milton Santos' work (1926-2001) and the remarkable theoretical-conceptual and methodological contributions of this author to the human sciences, the article aims to analyze the notion of region in his thought in the light of the notions of absolute, relative and relational space, proposed by geographer David Harvey. To this end, the article provides a bibliographical survey and review of the miltonian work, as well as a content analysis of the main articles, book chapters and books in which Milton Santos debates the idea of region, allowing us to observe a certain constitution of this notion in the author's thought and to conclude that, although the region is not central within the scope of his theoretical elaboration, still its discussion presents a relative richness in the context of his main intellectual contributions.

Keywords: Region. Space. Milton Santos. David Harvey.

¹ Este artigo é fruto de uma das reflexões que desenvolvemos por ocasião da elaboração de nossa dissertação de mestrado, intitulada "A noção de região em Milton Santos: contribuições para pensar a Amazônia"; pesquisa esta desenvolvida no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFPA) e que contou com o importante auxílio financeiro da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES).

² Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Planejamento do Desenvolvimento e doutorando em Desenvolvimento Socioambiental pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da UFPA. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Ordenamento Territorial e Urbanodiversidade na Amazônia (GEOURBAM-NAEA/UFPA). E-mail: helbertmichel93@gmail.com

A noção de região na obra de Milton Santos: Do espaço absoluto ao espaço relacional

Resumen

Tomando en cuenta la importancia de Milton Santos (1926-2001) y sus relevantes contribuciones teóricas, conceptuales y metodológicas para las ciencias humanas, se pretende analizar la noción de región en su obra, a la luz de las consideraciones de espacio absoluto, relativo y relacional, propuestas por el geógrafo David Harvey. En tal sentido, este trabajo contiene tanto una revisión bibliográfica de la obra miltoniana como un análisis de contenido de los principales artículos, capítulos de libros y libros donde el autor propone un debate sobre la idea de región, lo cual nos permite observar cierta estructura de tal idea en sus principales premisas teóricas y concluir que aunque la región no se presente en ellas como tema central, su discusión convoca una relativa riqueza en el contexto de sus principales contribuciones intelectuales.

Palabras clave: Región. Espacio. Milton Santos. David Harvey.

4

INTRODUÇÃO

Reconhecida enquanto um conceito polissêmico (GOMES, 1995; ANDRADE, [1999] 2009; LENCIONI, [1999] 2009; HAESBAERT, 2010), a região configura-se como uma categoria de análise responsável por animar um dos mais complexos e ricos debates no contexto da ciência geográfica. Todavia, é sabido que sua discussão não se restringe aos campos disciplinares dessa ciência, manifestando-se, também, nos mais variados domínios do saber, desde áreas como a economia, a ciência política, a sociologia e a história até o senso comum, com o emprego das expressões “região do corpo”, “região mais alta”, “região de trabalho”, entre outras utilizações habituais no âmbito da vida cotidiana.

O geógrafo brasileiro Milton Santos (1926-2001) foi um dos muitos estudiosos que, a partir da Geografia, participou do debate sobre o fenômeno regional. Intelectual reconhecido internacionalmente, este autor trabalhou de forma bastante competente na definição do que viria a ser o verdadeiro objeto de estudo desta ciência (SANTOS, [1978] 2008), mediante a internalização de conceitos externos (GRIMM, 2011) e a ressignificação de categorias de análise internas àquela disciplina, tais como, principalmente, as ideias de paisagem, território e região. Em se tratando desta última categoria, pode-se observar certa “trajetória” de sua constituição ao longo da obra miltoniana; percurso este que não se apresenta de forma evolutiva e que, aqui, estamos nos propondo a compreender a partir de uma forma particular de apreensão.

Nesse sentido, por entendermos que por trás de toda ideia de região existe uma concepção de espaço, por mais óbvio que isto possa parecer, apoiamo-nos nas contribuições de David Harvey ([1973] 1980, 2015), para quem, na tentativa de formular uma decifração genérica quanto ao significado do termo, o espaço pode ser entendido enquanto absoluto, relativo e relacional:

se tomamos o espaço como absoluto ele se torna uma ‘coisa em si mesma’, com uma existência independente da matéria. Ele possui então uma estrutura que podemos usar para classificar ou individualizar fenômenos. A caracterização de um espaço relativo propõe que ele seja entendido como uma relação *entre* objetos, a qual existe somente porque os objetos existem e se relacionam. Há outra aceção segundo a qual o espaço pode ser tomado como

A noção de região na obra de Milton Santos: Do espaço absoluto ao espaço relacional

relativo, e proponho chamá-lo de espaço relacional – espaço tomado, à maneira de Leibniz, como estando contido *em* objetos (HARVEY, [1973] 1980, p. 4-5, grifos do autor).

Dada sua definição do espaço a partir das três visões supramencionadas, Harvey ([1973] 1980) nos alerta para a impossibilidade de a dimensão espacial ser caracterizada exclusivamente como absoluta, relativa ou mesmo relacional. Isso porque, de acordo com os processos e/ou circunstâncias que serão/estão postos à realidade analisada, o espaço pode ser apreendido tanto em uma quanto em outra perspectiva. Desta maneira, objetivamos analisar a noção de região em Milton Santos à luz das visões de espaço acima elucidadas, de modo a melhor estabelecer uma compreensão quanto à discussão desta importante categoria na obra desse geógrafo brasileiro.

No que concerne aos procedimentos metodológicos, o trabalho conta com levantamento e revisão bibliográficos. Nesse momento, confere-se destaque à pesquisa bibliográfica da obra de Milton Santos, cujo intuito foi realizar uma seleção qualitativa dos principais textos em que o autor trata da noção de região (SANTOS, 1953, 1999, 2003, [1978] 2009, [1996] 2012, [1994] 2013, [1985] 2014a, [1988] 2014b) e, assim, operar uma análise de conteúdo (CHIZZOTTI, 2008) do material inventariado, considerando as leituras subjacentes e subjacentes daquele intelectual em relação à temática em estudo.

Assim sendo, o artigo encontra-se estruturado em três tópicos, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro, procuramos arrolar a leitura de Milton Santos sobre região partir da perspectiva do espaço absoluto, enquanto no segundo e no terceiro tópicos enfatizamos a compreensão do intelectual brasileiro acerca dessa noção no contexto das visões relativa e relacional de espaço, respectivamente.

A REGIÃO MILTONIANA NA PERSPECTIVA DO ESPAÇO ABSOLUTO: O “TEATRO” DA DIFERENCIAÇÃO DE ÁREAS, FATOS E DOMÍNIOS

Considerado enquanto espaço de Newton e Descartes, comumente representado como uma grade pré-existente e imóvel na qual se permite uma padronização das medições, ou mesmo de Euclides, que, geometricamente, é o espaço de todas as formas de mapeamento e práticas de engenharia, o espaço absoluto é apontado por Harvey ([1973] 1980, 2015) como algo fixo, onde se registra e se planeja eventos no interior do quadro que o configura. Trata-se do espaço da individualização, que, socialmente, é o espaço da propriedade privada e de outras entidades territoriais delimitadas, como Estados, unidades administrativas entre outros (HARVEY, 2015).

Pensando o espaço nesta perspectiva, Roberto Lobato Corrêa o define enquanto um conjunto de elementos que têm existência em si mesmo, independente de qualquer coisa, *id est*, um universo de espaço e tempo que são absolutos, cuja estrutura apresentada pode ser utilizada para individualizar e, até mesmo, classificar fenômenos (CORRÊA, 1995); enfim, um espaço no qual ambiguidades ou incertezas não são

A noção de região na obra de Milton Santos: Do espaço absoluto ao espaço relacional

admitidos, de modo que o cálculo humano floresça sem impedimentos (HARVEY, [1973] 1980, 2015). As regiões decorrentes dessa perspectiva são, nesse caso, o resultado de uma divisão do espaço a partir de princípios individualizadores, submetidos essencialmente às mesmas variáveis, utilizadas para classificar fenômenos e/ou áreas.

Inobstante o desenvolvimento conceitual da região tenha sido notório no âmbito da ciência geográfica, sendo ela a primeira a propor uma “reflexão sistemática sobre este tema” (GOMES, 1995, p. 52), a importância do seu debate se coloca para além desse campo disciplinar e figura no contexto do pensamento científico de um modo geral, interessando, portanto, a vários ramos do saber (CORRÊA, [1986] 2000; ANDRADE, [1999] 2009). Todavia, refletir acerca da natureza da referida noção, à luz da nossa proposta de análise neste primeiro momento, isto é, de compreender sua constituição a partir da *visão tripartite do espaço* (HARVEY, [1973] 1980, 2015), é entender que seus antecedentes em muito podem ser relacionados com a dimensão do espaço absoluto, considerado como algo “em si mesmo” e concebido mais para diferenciar fenômenos dispostos na superfície terrestre.

A contribuição dos geógrafos Friedrich Ratzel³ e Paul Vidal de La Blache⁴, por exemplo, é basilar a respeito da noção de região associada à perspectiva do espaço absoluto. Isso porque, ao estudar o que denominou como *região natural*, Ratzel buscou caracterizá-la a partir da uniformidade resultante da combinação ou integração de elementos naturais em uma determinada área. La Blache, por seu turno, e à luz da ação transformadora do ser humano sobre o meio em que vive, sintetiza a conformação de uma paisagem e de um gênero de vida⁵ particulares a determinada fração da superfície terrestre, postulando o conceito de *região geográfica* ou *região-paisagem*; ambas as contribuições, concebidas do final do século XIX ao início do século XX, bem elucidam a ideia de região na perspectiva em tela, já que tempo e espaço são meros dados absolutos que servem à individualização de áreas.

O intelectual baiano Milton Santos, figura importante para o pensamento social brasileiro, também apresenta alguns elementos que contribuem neste primeiro momento que aqui estamos considerando em

³ O paradigma denominado como “determinismo” teve grande expressão no geógrafo alemão Friedrich Ratzel (1844-1904), muito embora não tenha sido ele o expoente máximo dessa corrente que preconizava a determinação dos elementos naturais sobre a ação humana. Ratzel foi criador da Geografia Humana, ora denominada por ele de antropogeografia e bastante influenciada pelas ideias decorrentes das ciências naturais (CORRÊA, [1986] 2000).

⁴ Paul Vidal de La Blache (1845-1918) foi um importante geógrafo e pensador francês reconhecido por suas contribuições no âmbito do chamado “possibilismo”, paradigma que valorizava os aspectos possíveis do trabalho humano sobre determinado ambiente. Ademais, é considerado como um notável expoente da Geografia Regional, sendo, inclusive, imprescindível o conhecimento de suas ideias à compreensão do paradigma regional na ciência geográfica (LENCIONI, [1999] 2009).

⁵ De acordo com Lencioni ([1999] 2009), Vidal de La Blache caracterizava o gênero de vida enquanto um resultado das influências físicas, históricas e sociais presentes na relação do ser humano com o seu meio. Todavia, mesmo com sua incorporação e importância no contexto da Geografia, a autora ressalta que, ainda assim, o conceito de gênero de vida não é exclusivo da ciência geográfica, tendo sido utilizado correntemente, sobretudo na segunda metade do século XX, no estudo da evolução da humanidade por todos que tinham interesse em compreender as sociedades primitivas.

A noção de região na obra de Milton Santos: Do espaço absoluto ao espaço relacional

relação ao debate regional, notadamente a partir da visão absoluta de espaço (HARVEY, [1973] 1980, 2015), tal como procuramos sistematizar no Quadro 01.

Quadro 01. Principais publicações de Milton Santos acerca da noção de região na perspectiva absoluta de espaço

Publicação	Ano	Ideia de região
Os estudos regionais e o futuro da Geografia	1953	Resultado da individualização de uma área mediante a inter-relação de fatores físicos, humanos, naturais e políticos, conformando a região geográfica.
Geografia e desenvolvimento econômico	1959	A paisagem é configurada a partir de ações multilaterais resultantes da relação recíproca entre grupos humanos e o meio natural, sendo a região sua expressão espacial.
A geografia aplicada (em coautoria com Anna Carvalho)	1960	Base espacial decorrente da organização da paisagem, onde ocorre a interação entre fenômenos.

Fonte: Carvalho e Santos (1960) e Santos (1953, 1959a).

Elaboração: Helbert Michel Pampolha de Oliveira, 2019.

Sem a pretensão de realizar um apanhado completo, o Quadro 01 procura evidenciar as principais contribuições miltonianas referentes à noção de região no âmbito do espaço absoluto. Desta maneira, e no que toca a uma de suas contribuições em particular (SANTOS, 1953), na qual se pode perceber a forte influência de La Blache em seu pensamento, Milton Santos já enfatizava a relevância dos estudos regionais não somente para uma possível afirmação da ciência geográfica, mas para o desvelamento do mundo em si a partir de áreas específicas da superfície terrestre.

Ao considerar as regiões geográficas enquanto o verdadeiro mote dos estudos regionais, Santos (1953) ressalta, contudo, a necessidade de se fugir tanto dos quadros pré-estabelecidos, como de qualquer esforço no sentido de fazer coincidir determinados limites concebidos com os daquelas regiões, sejam eles históricos, naturais, políticos e/ou administrativos. Isso porque, para o autor, é o estudo das regiões propriamente dito que deve ser levado em consideração, e não o de suas meras divisões. Nesse sentido, o geógrafo baiano assevera:

o mais frequente, entretanto, é exatamente o inverso. O que interessa ao geógrafo é a realidade geográfica e a realidade integral. Esta é um todo que somente ele poderá conhecer através (sic) de um paciente trabalho de análise das suas componentes e da verificação de como se combinam os seus elementos, devendo ser considerado, então, como uma região geográfica, *o pedaço do território em que se apoia essa combinação e mais essa mesma combinação* (SANTOS, 1953, p. 71, grifo nosso)⁶.

⁶ Optou-se em preservar a forma original da escrita do texto.

A noção de região na obra de Milton Santos: Do espaço absoluto ao espaço relacional

Observa-se, assim, que a ideia de região geográfica apresentada por Santos (1953) coloca-se como um resultado da combinação de diferentes domínios (naturais, humanos, políticos, entre outros) que deverão ser identificados e distinguidos em uma dada porção do espaço. A base espacial, neste momento, é considerada como um “palco” sobre o qual os elementos analisados permitirão que se identifique a “personalidade” ou, dito de outra forma, a individualização da área estudada, configurando a região.

Ademais, acrescenta-se que embora o autor não despreze a importância das regiões naturais, ele tece críticas a esta ideia e expressa, de forma clara, a influência lablacheana em suas reflexões, uma vez que, em sua concepção, são as regiões humanas, resultantes do processo de organização do espaço pelo ser humano, que devem se caracterizar enquanto objeto de estudo apropriado, não devendo a regionalização decorrente ser política, administrativa, tampouco natural, mas geográfica. Dessa maneira, uma diversidade de fatores é considerada em relação ao “quadro” a ser individualizado, cujo resultado Milton Santos denomina como região geográfica (SANTOS, 1953).

Em Santos (1959) e Carvalho e Santos (1960) também se observa uma concepção de região mais alinhada à perspectiva do espaço absoluto, na medida em que, em ambos os trabalhos, o fenômeno regional é considerado meramente como uma base espacial decorrente da solidariedade entre grupos humanos e meio geográfico responsável pela organização da paisagem. Assim, a região apareceria como “um conjunto elaborado pelos homens... [que] fazem e desfazem as regiões” (SANTOS, 1959, p. 547) e, portanto, como “base espacial onde ocorre a interação entre fenômenos” (CARVALHO; SANTOS, 1960, p. 32).

Dessa maneira, observa-se que a noção de região presente nesses textos de Milton Santos pode ser justificada a partir da visão absoluta de espaço em razão de: a) o fenômeno regional ser definido o resultado de uma classificação do espaço mediante elementos individualizadores; b) o espaço desempenhar a função de mero receptáculo para a realização das atividades; e c) a região ser considerada como uma entidade *per se*, com certa valorização das relações internas.

A REGIÃO MILTONIANA NA PERSPECTIVA DO ESPAÇO RELATIVO: QUANTIFICAÇÃO E FUNCIONALIZAÇÃO

A segunda perspectiva de análise que ora pretendemos abordar permite que tratemos o fenômeno regional como um produto relativo, oriundo da aplicação de critérios particulares e quantitativos que são estabelecidos pelos agentes que o propõem, notadamente, e no mais das vezes, para fins de classificação e planejamento. Trata-se, portanto, da perspectiva que considera a região a partir do que Harvey ([1973] 1980, 2015) concebe como espaço relativo, associado, sobretudo, ao nome de Einstein e às geometrias não-euclidianas que começaram a ser construídas no século XIX.

Tal concepção abrange, precipuamente, duas grandes perspectivas. A primeira sugere que “há múltiplas geometrias que podemos escolher” (HARVEY, 2015, p. 129) e a segunda sinaliza que “o quadro

A noção de região na obra de Milton Santos: Do espaço absoluto ao espaço relacional

espacial depende estritamente daquilo que está sendo relativizado e por quem” (HARVEY, 2015, p. 129). Nesse sentido, a noção de espaço relativo, segundo Corrêa (1995), deve ser compreendida a partir de *relações entre objetos*, as quais implicam em custos (tempo, energia, dinheiro) para superar a fricção imposta pela distância; fato que a constitui como sendo de grande valia para as atividades voltadas ao planejamento.

Vale ressaltar que esta noção apresenta-se enquanto crucial ao entendimento das concepções de espaço desenvolvidas no contexto de contribuições assentadas em uma leitura neopositivista da realidade. Ainda de acordo com Corrêa (1995), nesta perspectiva, a dimensão espacial pode ser considerada sob duas formas que não se excluem, tratando-se, de um lado, da ideia de planície isotrópica e, por assim dizer, homogênea, e, de outro, de sua representação matricial, caracterizada por pontos, linhas e números, da mesma maneira que alguns economistas espaciais a conceberam em meados do século XX.

Derivando de um paradigma racionalista e hipotético-dedutivo, a planície isotrópica diz respeito a uma superfície uniforme, homogênea, tanto no que concerne aos aspectos geomorfológicos, como ao clima, à cobertura vegetal e, não menos importante, à ocupação humana. Em relação à representação matricial, o espaço é manipulado por meio de uma matriz matemática e sua expressão topológica. É uma representação comum e cara aos economistas espaciais por apresentar, em seu interior, propostas de análise locacional baseadas em elementos como redes, nós, hierarquias, superfícies e movimento (CORRÊA, 1995).

Assim, no contexto da perspectiva do espaço relativo (HARVEY, [1973] 1980), interessa-nos destacar as concepções de região nas quais Milton Santos prioriza a relação entre objetos, bem como a importância das relações sociais enquanto meras abstrações matemáticas, sobretudo no que diz respeito à configuração espacial e à formação do fenômeno regional. O Quadro 02, por seu turno, reúne as principais publicações em que o geógrafo baiano sugere uma ideia de região à luz do que estamos propondo a entender nesta seção.

9

Quadro 02. Principais publicações de Milton Santos acerca da noção de região na perspectiva relativa de espaço

Publicação	Ano	Ideia de região
Zona do Cacau	1955	“Área maior” da qual uma cidade ou uma zona fazem parte, e que a ela estão íntima e funcionalmente ligadas.
A cidade de Jequié e sua região	1957	A cidade de Jequié, por sua importância econômica, administrativa e política, desempenha o papel de “capital regional” face ao entorno, considerado como sendo a sua região.
A cidade como centro de região	1959	Área organizada no entorno da cidade economicamente mais importante.

Fonte: Santos ([1955] 1957a, 1957b, 1959b).

Elaboração: Helbert Michel Pampolha de Oliveira, 2019.

A noção de região na obra de Milton Santos: Do espaço absoluto ao espaço relacional

Das publicações inventariadas no quadro acima, o livro “*A cidade como centro de região*”, publicado por Milton Santos no final da década de 1950, apresenta-se como um exemplo bem elucidativo daquilo que estamos querendo considerar neste momento do trabalho. Isso porque, ao destacar que a função de centro é o que mais caracteriza a cidade dentro de uma região e que esta se configura como uma espécie de entorno produzido a partir da centralidade exercida pela cidade, Santos (1959b) nos permite o entendimento de que o fenômeno regional é algo cuja importância e/ou materialidade é/são obtida(s) de modo relativo; neste caso, relativo a determinado núcleo responsável pela gestão das diferentes atividades do espaço organizado ao seu redor.

Em sua análise, o autor revisa algumas definições e métodos de avaliação da centralidade de um núcleo urbano no âmbito de sua região imediata e apoia-se no chamado “método Rochefort”, sugerindo o estabelecimento de algumas modificações no mesmo para fins de operacionalização na rede urbana tanto do Recôncavo Baiano, quanto da Zona do Cacau, no Estado da Bahia. Entretanto, importa frisar que o método apreciado e revisto pelo autor tem como fundamento o pressuposto de que o volume do setor terciário, referente a atividades ligadas ao comércio, aos serviços e à administração, é que dá a importância relativa do centro (SANTOS, 1959b).

Este procedimento, conforme demonstra Santos (1959b, p. 20), apresenta-se enquanto “um elemento a ser considerado quando se busca apurar a sua centralidade, pois exprime o papel de relação e coordenação” que determinada cidade desempenha em uma região. Todavia, o geógrafo baiano alerta que quando se tem a presença de uma indústria desenvolvida em uma localidade com certo raio de influência, a porcentagem do setor terciário seria menor, tornando menos significativa a importância regional do núcleo urbano em análise. Por esta razão, a relevância do terciário de cada cidade, em relação ao total desse setor na região, seria tomada como um segundo elemento a ser considerado na avaliação da centralidade. Em resumo, Santos (1959b, p. 21) assinala que:

para cada centro, um dos elementos de construção do gráfico seria a relação entre o terciário e a população ativa total do centro, o que dará a importância do terciário no interior do centro; outro elemento seria o valor, absoluto ou relativo, do terciário, ou o percentual dele em relação ao total da região, que retificaria o primeiro. Constrói-se assim um gráfico ortogonal tendo nas ordenadas a relação entre terciários e população ativa total e nas abcissas o valor absoluto do terciário ou sua porcentagem no conjunto regional.

Mediante o exposto, observa-se que a região seria a área organizada no entorno do núcleo urbano cujo terciário é mais expressivo e sobre qual esta cidade desempenharia a função de centro, tanto por meio da concentração de um percentual importante de atividades de comércio e administração, como da prestação de serviços; fato este que, associado ao método pelo qual as relações são “mensuradas”, bem evidencia a perspectiva relativa do fenômeno regional em Milton Santos. No âmbito desta concepção, destaca-se a

A noção de região na obra de Milton Santos: Do espaço absoluto ao espaço relacional

funcionalização como principal processo, sobretudo em relação ao privilégio e aos consequentes desdobramentos que atividades e transformações econômicas adquirem através do espaço.

A definição do que seria a região em Santos (1959b) é sintomática para entendermos a concepção que o autor emprega para compreender tanto a Zona do Cacau (SANTOS, [1955] 1957a), como a “região” da cidade de Jequié (SANTOS, 1957b), ambas situadas no Estado da Bahia. Nessas três contribuições de Milton Santos, pode-se notar que a região nada mais é que a área que se organiza no entorno da cidade econômica e funcionalmente mais importante de determinada porção do espaço; o que nos indica, a partir das contribuições miltonianas arroladas nesta seção do artigo, a prevalência da perspectiva relativa na definição do fenômeno regional.

A REGIÃO MILTONIANA NA PERSPECTIVA DO ESPAÇO RELACIONAL: UMA DIMENSÃO INTEGRANTE E INDISSOCIÁVEL DAS RELAÇÕES SOCIAIS

A terceira e última dimensão do espaço apontada por Harvey ([1973] 1980, 2015) concerne à perspectiva relacional. Diferentemente dos espaços absoluto (algo fixo e concebido para diferenciar áreas ou fenômenos) e relativo (mormente definido por meio de relações funcionais entre objetos), a dimensão relacional, mais associada ao nome de Leibniz, tem como premissa o fato de que elementos como tempo ou espaço não existem fora dos processos que os definem, uma vez que processos não ocorrem *no* espaço, mas definem seu quadro espacial particular (HARVEY, 2015), de acordo com os interesses específicos pelos quais são animados.

É Harvey (2015, p. 130) quem ainda sustenta que se, de um lado, a cisão entre tempo e espaço é possível na visão relativa, de outro, tal dissociação configura-se enquanto uma tarefa impossível na perspectiva relacional, haja vista que o conceito de espaço está embutido ou é interno ao processo que o dinamiza. Nesse sentido, a ideia de “relações internas” ganha relevo nesta noção ou terceira dimensão espacial proposta pelo autor, pois o espaço relacional é aquele que contém e está contido nos objetos, onde as “influências externas são internalizadas em processos ou coisas específicas através do tempo”; fato este que, de certa forma, justifica o caráter relacional e indissociável entre tempo e espaço.

Esta perspectiva, por sua vez, procura romper tanto com as leituras tradicionais acerca do espaço, que o tomam como algo independente e ensimesmado, como com aquelas de caráter quantitativo, que reduzem a realidade dos fatos e fenômenos à forma de pontos e linhas no contexto de uma representação matemática. Nesse sentido, o filósofo francês Henri Lefèbvre ([1972] 2008) presta importante contribuição ao salientar que o espaço é bem mais do que um instrumento político, um elemento vazio e puro ou mesmo um lugar *par excellence* dos números e das proporções. Para este autor, o espaço é social, *locus* da reprodução das relações sociais de produção em suas várias dimensões:

A noção de região na obra de Milton Santos: Do espaço absoluto ao espaço relacional

não se pode dizer que o espaço seja um produto como um outro, objeto ou soma de objetos, coisa ou coleção de coisas, mercadoria ou conjunto de mercadorias. Não se pode dizer que se trata simplesmente de um instrumento, o mais importante dos instrumentos, o pré-suposto (sic) de toda a produção e de toda troca. O espaço estaria essencialmente ligado à reprodução das relações (sociais) de produção (LEFÈBVRE, [1972] 2008, p. 48).

A leitura proposta por Harvey ([1973] 1980, 2015) acerca do espaço relacional vai ao encontro do que Lefèbvre ([1972] 2008) postula sobre o espaço social. Isso porque, de acordo com aquele geógrafo, um evento ou uma coisa disposta em um ponto específico do espaço não pode jamais ser compreendido em relação apenas ao que existe somente naquele ponto, pois uma miríade de ordens encontra-se envolvida na definição de suas relações. Destarte, e no âmbito desta concepção, a contribuição de Milton Santos acerca do fenômeno da região apresenta-se como bastante substancial (Quadro 03), haja vista a resignificação que este autor confere à categoria em questão no último quartel do século XX, notadamente no que diz respeito a uma perspectiva anterior e atual ao processo de globalização.

12

Quadro 03. Principais publicações de Milton Santos acerca da noção de região na perspectiva relacional de espaço

Publicação	Ano	Ideia de região
Le métier du géographe en pays sous-développés	1971	Área que não dispõe de autonomia e cuja definição se dá principalmente a partir do exterior.
Espaço e método	1985	Lugar funcional do todo, resultado da presença de capitais fixos exercendo determinadas funções técnicas.
Metamorfoses do espaço habitado	1988	Subespaços que se apresentam à realidade como diferentes versões da mundialização.
Técnica, espaço, tempo	1994	Uma subdivisão do espaço, seja do espaço total, nacional ou, até mesmo, local.
A natureza do espaço	1996	Suporte e condição à realização das relações globais de produção.
Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial	1999	Uma particularidade, um “campo de mediações” da dialética entre o universal e o singular.
Região: globalização e identidade	[1996] 2003	Área onde se realiza o acontecer solidário, que pouco se diferencia da ideia de lugar.

Fonte: Santos (1999, 2003, [1978] 2009, [1996] 2012, [1994] 2013, [1985] 2014a, [1988] 2014b).

Elaboração: Helbert Michel Pampolha de Oliveira, 2019.

Nesse sentido, o geógrafo baiano ressalta que, durante muito tempo, uma gama de estudiosos compreendeu o fenômeno regional isoladamente do mundo como um todo, concebendo-o como uma

A noção de região na obra de Milton Santos: Do espaço absoluto ao espaço relacional

entidade autônoma e com aspectos particulares, o que equivalia, segundo o autor (SANTOS, [1988] 2014b, p. 51-52), “a dividir o mundo em uma infinidade de regiões autossuficientes que mantinham poucas relações entre si”; leitura esta mais associada, portanto, à ideia de espaço absoluto, tal como nos termos de Harvey (2015). Kayser ([1973] 1980) foi um dos autores que, de certa forma, procurou ressaltar o peso exercido pelas influências exógenas sobre a conformação das regiões; influências estas que, ainda segundo o geógrafo francês, sempre existiram, não obstante os menores níveis de complexidade apresentados em relação aos fatores internos.

Inspirado por esse e outros debates da época, Milton Santos observa que, com as transformações cada vez mais intensas e velozes, propiciadas por um quadro histórico marcado pela crescente internacionalização da economia capitalista e pela configuração de uma agressiva divisão internacional do trabalho, tem-se uma reorganização do espaço voltada para atender às necessidades da produção (SANTOS, [1978] 2009). Dessa maneira, destaca que o mundo, em sua totalidade, tornou-se uno para atender às referidas necessidades, passando por cima de países, regiões, culturas e, assim, configurar a preponderância de um tempo hegemônico sobre todos os recônditos do planeta (SANTOS, [1988] 2014b).

Entretanto, assinala que enquanto “os processos modernos de produção se espalham por todo o planeta, a produção se especializa regionalmente” (SANTOS, [1988] 2014b, p. 52) e, nesse momento, ao notar a ausência de autonomia que passa a acometer os espaços regionais a partir da década de 1960 (SANTOS, [1978] 2009), o geógrafo baiano começa a melhor configurar aquilo que viria a ser sua contribuição atual acerca da noção de região e, desta forma, explicar os processos socioespaciais engendrados pelo período da globalização. Por conseguinte, Milton Santos aponta que a compreensão de uma região perpassaria pela assimilação do funcionamento da economia em nível mundial e de seus rebatimentos no plano territorial com a intermediação de variados agentes, do Estado ao conjunto de diversos agentes econômicos e políticos.

Assim sendo, o estudo de uma região, para Santos ([1988] 2014b), significa apreender a gama de relações, formas, funções, estruturas e organizações que se manifestam em seus mais distintos níveis de interação e contradição, isso porque, se, de um lado, o espaço se torna uno para atender às necessidades da produção globalizada, de outro, as regiões aparecem como as diferentes versões da mundialização, pois “[e]sta não garante a homogeneidade, mas, ao contrário, instiga diferenças, reforça-as e até mesmo depende delas”, posto que “[q]uanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos” (SANTOS, [1988] 2014b, p. 53).

Com essa afirmação, Milton Santos vai de encontro às teses que, com o advento da globalização e da ideia de homogeneização do espaço, postulavam a tendência do fim das regiões (OLIVEIRA, [1975] 1993), destacando que “nenhum subespaço do planeta pode escapar ao processo conjunto de globalização e

A noção de região na obra de Milton Santos: Do espaço absoluto ao espaço relacional

fragmentação, isto é, de individualização e regionalização” (SANTOS, [1996] 2012, p. 246)⁷. Para o autor, na definição atual de região, as solidariedades orgânicas de outrora, caracterizadas pela copresença e pela contiguidade, têm, cada vez mais, dado lugar às solidariedades organizacionais, fortemente marcadas pelo imperativo da fluidez e por arranjos organizacionais que representam as racionalidades exógenas (SANTOS, 1999).

Assim, as regiões se tornaram, na atualidade, lugares funcionais do todo (SANTOS, [1985] 2014a); suporte e condição à realização das relações globais de produção que sem ela não se realizariam (SANTOS, [1996] 2012); uma particularidade que representa um “campo de mediações” entre a ordem global e a ordem local (LUKÁCS, 1978; SANTOS, 1999); *loci*⁸ do acontecer solidário e resultado do arranjo entre relações horizontais e relações verticais (SANTOS, 2003). É neste contexto, portanto, que o estudo regional adquire certa importância na leitura miltoniana, haja vista a possibilidade de compreender as diversas geografizações de um mesmo modo de produção produzir e se reproduzir em várias regiões do planeta, de acordo com suas especificidades (SANTOS, [1988] 2014b).

Com base nessas contribuições do geógrafo baiano, destaca-se a perspectiva relacional de espaço adotada pelo autor, sobretudo com o advento da globalização, responsável com conferir um peso significativo à importância que as relações externas passaram a desempenhar na (re)organização dos subespaços que, outrora, definiam-se *per se*, isto é, mediante solidariedades organicamente estabelecidas no lugar.

À GUIA DE CONCLUSÃO

A proposta de arrolar o fenômeno regional às perspectivas de espaço absoluto, relativo e relacional não constitui tarefa das mais usuais no domínio dos debates sobre o tema; tampouco considerar esta correlação levando-se em conta a discussão desta noção no pensamento de Milton Santos, cuja contribuição teórico-conceitual e metodológica extrapola os próprios campos da ciência geográfica (CONTEL, 2014) e se coloca como pertinente às ciências humanas de um modo geral. Por esta razão é que, ao longo desse trabalho, procuramos defender a pertinência de compreendermos essa categoria na obra miltoniana à luz das visões de espaço propostas por Harvey ([1973] 1980, 2015); empreendimento este que encontra-se sistematizado de forma sintética no Quadro 04.

⁷ “Daí porque, apressadamente, alguns concluem que a região não existe mais. A região continua existindo. É uma pena que Francisco de Oliveira não tenha podido estar aqui, já que ele intoxicou a maior parte dos economistas e, desgraçadamente, também dos geógrafos, com a ideia de que a região havia soçobrado com a modernidade. Isso não existe” (SANTOS, 1995, p. 101).

⁸ Plural de *locus*.

A noção de região na obra de Milton Santos: Do espaço absoluto ao espaço relacional

Quadro 04. A noção de região em Milton Santos a partir das visões de espaço concebidas por David Harvey

Região	Principal característica
Absoluta	Na condição de mero substrato, o espaço seria a base, o “teatro” da individualização de áreas em regiões geográficas, com prevalência de relações localmente estabelecidas.
Relativa	A partir de uma perspectiva funcional e entre cidades de um mesmo entorno, a região é considerada como “área organizada” da cidade cujo setor terciário é o mais importante.
Relacional	Por meio da ideia do espaço enquanto dimensão integrante e indissociável das relações sociais, a região é definida como um subespaço capaz de articular elementos internos e externos em sua configuração.

Fonte: Santos (1953, 1959b, 1999, 2003, [1996] 2012).

Elaboração: Helbert Michel Pampolha de Oliveira, 2019.

Mediante o exposto no Quadro 04, observa-se que a noção de região apresenta um aspecto bastante plural ao longo de sua configuração no âmbito do pensamento miltoniano. Se em um primeiro momento das contribuições do autor ela pode ser caracterizada mais na perspectiva do espaço absoluto, na qual a dimensão espacial coloca-se como mero substrato material onde se realiza a individualização de áreas (SANTOS, 1953), no segundo tem-se que a região seria a “área organizada” no entorno do núcleo urbano econômica e funcionalmente mais expressivo, e no interior da qual esta cidade desempenharia a função de centro (SANTOS, 1959b); perspectiva esta mais ligada à visão relativa do espaço.

No terceiro momento, e que aqui estamos atribuindo à dimensão relacional de espaço, observa-se uma noção de região em que elementos como tempo e espaço são visto como indissociáveis, sobretudo no que diz respeito ao processo de internalização de variáveis externas. Dessa maneira, e na leitura de Milton Santos, o fenômeno regional se apresentaria enquanto particularidade e “campo de mediações” (SANTOS, 1999) e como suporte material para a realização das relações globais de produção (SANTOS, [1996] 2012), capaz de articular horizontalidades e verticalidades geográficas (SANTOS, 2003) em sua configuração.

Por conseguinte, salienta-se que, embora as definições em tela tenham sido analiticamente abordadas de forma separada ao longo do trabalho, tais concepções do fenômeno da região em Milton Santos podem vir a se justapor. Isso porque, assim como Harvey ([1973] 1980, 2015) sinaliza para a impossibilidade de definirmos a dimensão espacial exclusivamente a partir de uma das perspectivas que propõe, da mesma forma o entendemos para analisar a ideia de região no pensamento miltoniano. Dito isso, a região pode ser entendida como relacional, mas também apresentar características e elementos que também a associem, não especialmente, às dimensões absoluta e/ou relativa de espaço; fato que, de certa maneira, revela a riqueza desta noção no contexto das contribuições de Milton Santos e, assim, abre possibilidades outras para o entendimento dessa importante categoria de análise, para além da obra deste intelectual.

A noção de região na obra de Milton Santos: Do espaço absoluto ao espaço relacional

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. Prefácio. *In*: LENCIONI, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: EDUSP, [1999] 2009. p. 11-14.
- CARVALHO, Anna; SANTOS, Milton. **A geografia aplicada**. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1960. 34 p.
- CHIZZOTTI, Antonio. Análise de conteúdo, análise de narrativa, análise do discurso. *In*: CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 113-134.
- CONTEL, Fabio Betioli. Milton Santos. *In*: PÉRICAS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln (org.). **Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014. p. 393-409.
- CORRÊA, Roberto Lobato Corrêa. Espaço, um conceito-chave da Geografia. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15-47.
- CORRÊA, Roberto Lobato Corrêa. **Região e organização espacial**. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, [1986] 2000. 51 p. Disponível em: http://www.e-livros.xyz/livros-diversos/Corr%EAa,%20Roberto%20Lobato%20-%20Regi_o%20e%20organiza%20o%20espacial.pdf. Acesso em: 14 jan. 2018.
- CORRÊA, Roberto Lobato Corrêa. Região: a tradição geográfica. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajétórias geográficas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, [1996] 2005. p 182-195.
- GOMES, Paulo César da Costa. O conceito de região e sua discussão. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 49-76.
- GRIMM, Flávia. **Trajétória epistemológica de Milton Santos: uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis**. 2011. 307 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- HAESBAERT, Rogério. **Regional-global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 208 p.
- HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, [1973] 1980. 291 p.
- HARVEY, David. O espaço como palavra-chave. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, n. 35, v. 13, p. 126-152, 2015.
- KAYSER, Bernard. A região como objeto de estudo da geografia. *In*: GEORGE, Pierre; GUGLIELMO, Raymond; LACOSTE, Yves; KAYSER, Bernard. **A geografia ativa**. 5. ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel, [1973] 1980. p. 279-321.
- LEFÈBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, [1972] 2008. 194 p.
- LENCIONI, Sandra. **Região e geografia**. 2. reimp. São Paulo: EDUSP, [1999] 2009. 224 p.

A noção de região na obra de Milton Santos: Do espaço absoluto ao espaço relacional

LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma estética marxista**: sobre a categoria da particularidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 298 p.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião**: Sudene, Nordeste e conflitos de classe. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1975] 1993.

SANTOS, Milton. **Os estudos regionais e o futuro da Geografia**. 1953. 99 f. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Universidade da Bahia, Salvador, 1953.

SANTOS, Milton. **Zona do cacau**: introdução ao estudo geográfico. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1955] 1957a. 130 p.

SANTOS, Milton. A cidade de Jequié e sua região. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano XVIII, n. 1, p. 71-112, jan./mar. 1957b.

SANTOS, Milton. Geografia e desenvolvimento econômico: a contribuição dos geógrafos ao planejamento. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 99-110, out./dez. 1959a.

SANTOS, Milton. **A cidade como centro da região**: definições e métodos de avaliação da centralidade. Salvador: Universidade da Bahia/Livraria Progresso Editora, 1959b. 30 p.

SANTOS, Milton. O futuro do Nordeste: da racionalidade à contrafinalidade. *In*: GAUDÊNCIO, Francisco de Sales; FORMIGA, Marcos (org.). **Era da esperança**: teoria e política no pensamento de Celso Furtado. São Paulo: Paz e Terra, 1995. p. 99-107.

SANTOS, Milton. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. **Território**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 6, p. 5-20, jan./jun. 1999.

SANTOS, Milton. Região: globalização e identidade. *In*: LIMA, Luiz Cruz (org.). **Conhecimento e reconhecimento**: homenagem ao geógrafo cidadão do mundo. Fortaleza: EDUECE, 2003. p. 53-64.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a geografia crítica. 6. ed. 1. reeimp. São Paulo: EDUSP, [1978] 2008. 288 p. (Coleção Milton Santos, 2).

SANTOS, Milton. **O trabalho do geógrafo no terceiro mundo**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, [1978] 2009. 136 p. (Coleção Milton Santos, 15).

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 7. reeimp. São Paulo: EDUSP, [1996] 2012. 392 p. (Coleção Milton Santos, 1).

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 7. ed. São Paulo: EDUSP, [1988] 2014a. 136 p. (Coleção Milton Santos, 10).

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 5. ed. 2. reeimp. São Paulo: EDUSP, [1985] 2014b. 120 p. (Coleção Milton Santos, 12).

Texto recebido em: 23/07/2019
Texto aprovado em: 06/02/2020